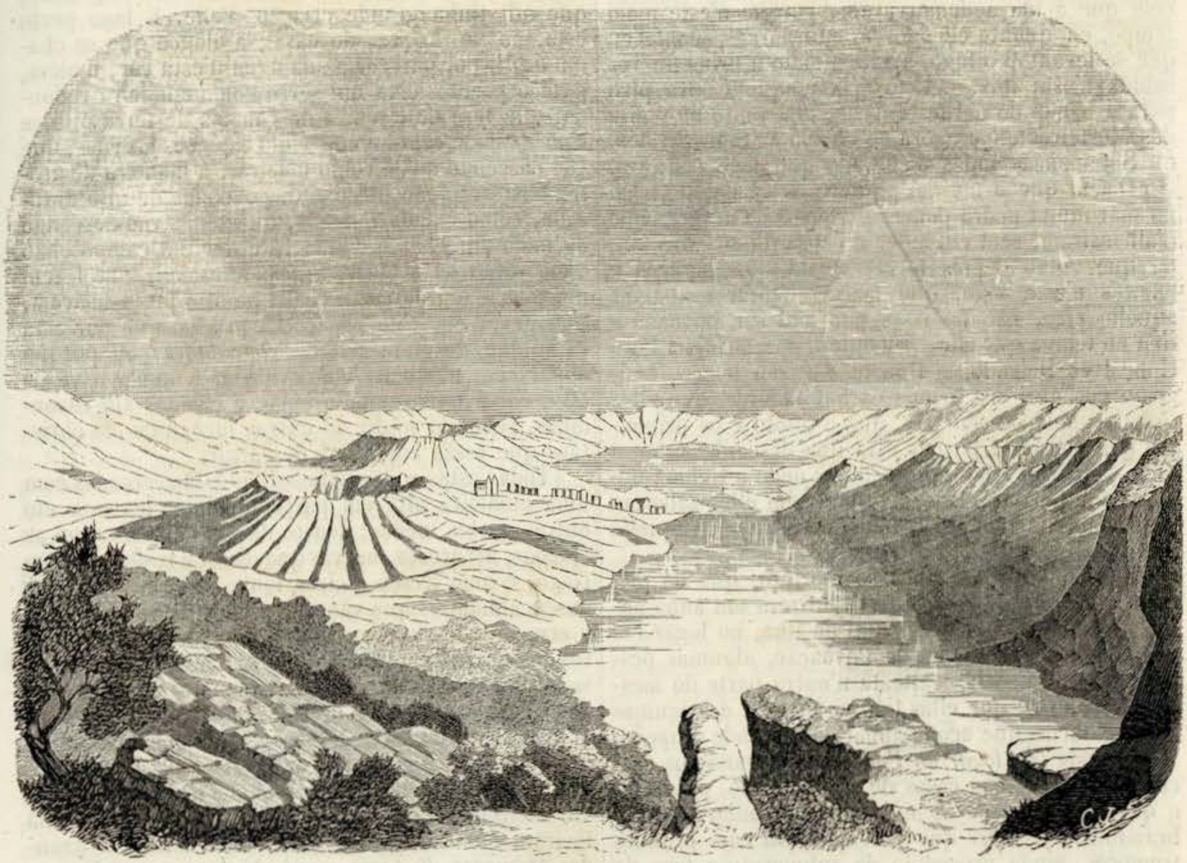


Valle das Sete-cidades na ilha de S. Miguel

O descobrimento das ilhas dos Açores no XV seculo foi um dos resultados mais felizes das tentativas systematicas de um principe infatigavel, que se adiantava a todos os contemporaneos no conhecimento da cosmographia e da geographia.

Pouco se sabe com certeza ácerca dos annos em que principiou e acabou aquelle descobrimento; luz, que não falta menos no tocante ás circunstancias que o acompanharam.

Os historiadores da epocha, que denunciam, não prestaram a isto a menor attenção, absorvidos todos nas descobertas, conquistas e resgates de Africa; não dão do achado d'este archipelago mais que noção confusa, incompleta e commummente erronea. O que a tal respeito, seculo e meio depois, escreve um historiador insulano, não tem mais fundamento que tradições contradictorias, conservadas, exaggeradas, maravilhadas pelas primeiras gerações dos povoadores. N'isto, como em muitas situações analogas, não ha senão novella, que não póde considerar-se elemento historico, como muitos erradamente tem querido desde então, seguindo sem discussão e sem critica o que Gaspar Fructuoso, falto de ambos os dotes, escreveu no seu livro ainda hoje inédito, *Saudades da Terra*, que muitos tem citado, e pouquissimos visto.

O que eu sei, e agora ficarão sabendo muitos, é que a mais antiga noção incontestavel a respeito d'aquelle descobrimento remonta ao ANNO 1439, EM QUE JÁ ESTAVAM DESCOBERTAS TODAS AS SETE ILHAS DOS GRUPOS ORIENTAL E CENTRAL DOS AÇORES; factos estes, que attestados por um documento authentico maior de toda a excepção, vem inutilisar tantos discursos e memorias recheadas de inconsistente erudição, que sem mais fundamento que hypotheses e sem melhor conclusão que inducções, se tem escripto para assignar a epocha do descobrimento da cada uma das ilhas açorianas! É assumpto que trataremos com o desenvolvimento que merece em logar mais adequado.

Para illustração da gravura que representa o pittoresco valle e lagoas das Sette-cidades, na ilha de S. Miguel, a mais importante sem duvida entre as dos Açores, pela sua extensão, população e industria, ouçamos o que ácerca da origem do mesmo valle, ainda assim sem muitas inverosimilhanças, conta Fructuoso (liv. IV, cap. II).

«Depois de achada a ilha de S. Miguel, tornando para o reino os seus descobridores, foram pelo mar observando-a, em quanto a não perderam de vista, e notando a sua figura viram que em cada ponta da sua compridão tinha um mui alto pico que (assim como foram creados para os dois extremos d'ella, assim eram tambem extremados na grandeza) em grande quantidade e altura sobejavam a todos os mais montes que pelo meio haviam, e demarcando-a por elles o piloto para depois a poder melhor conhecer. Sendo chegados a Sagres... e havendo o infante feito mercê da capitania d'ella a frei Gonçalo Velho juntamente com a da ilha de Santa Maria, tornou logo a mandar ou ao mesmo frei Gonçalo Velho ou ao piloto, só, sem elle, com outra companhia a deitar gados e aves e outras coisas necessarias, e provar a fortuna de sua fertilidade tambem em sementes de trigo e

legumes: com que partiram de Sagres e navegando com prospera viagem vindo á vista da ilha, vendo-a o piloto a desconheceu por lhe ver um só pico da parte do oriente e não ver outro da banda do poente com que á ida a demarcaram, porque n'este meio tempo, em quanto elles foram e tornaram, aconteceu que se levantou o fogo, arrebentando a primeira vez sabida n'esta ilha, e logo ardeu aquelle alto pico para a banda do nordeste n'esta ilha junto da ponta dos Mosteiros onde agora se chama as Sete-cidades, ou Sete-concavidades d'elle, do que logo contarei.

«Dizem que o mesmo piloto e os do navio viram no mar muita pedra pomes e troncos de arvores que d'alli saíram, sem entender a causa d'isso. Mas ainda que então depois foram achados os signaes e effeitos d'este fogo, que fez arrebentar e abaixar aquelle pico, não foi visto por não ser povoada a ilha no tempo que elle arrebentou, do qual dizia Pero Gonçalves Delgado, e Duarte Vaz seu irmão, amigos e parentes dos primeiros habitadores, que elles tinham ouvido a seu pae, que o piloto e os primeiros que vieram a povoar esta ilha desconheceram a terra por não verem já o pico por onde a tinham demarcada, por causa do fogo que sem elles saberem tinha d'antes arrebentado, sumido e espalhado aquelle grande pico...»

Tendo o mesmo Fructuoso escripto, que da primeira viagem que Gonçalo Velho fizera um anno antes, deixára na parte oriental da ilha, no logar em que hoje assenta a villa da Povoação, algumas pessoas da sua comitiva; attesta n'outra parte do mesmo capitulo II, que ellas tinham dado fé de algumas circunstancias que acompanharam a grande erupção.

«...Onde (*no logar da Povoação*) morando os descobridores em suas casas de palha e feno, ouviram, e quasi por espaço de um anno, tamanho arruido, bramidos e roncos que a terra dava com grandes tremores, ainda procedido da submersão e fogo do pico que se sumíra d'antes, que estando todos pasmados e medrosos, sustentando a vida com muito trabalho, assentaram de se tornar para o reino; mas por falta de embarcação o não fizeram, por ser já tornado o navio em que haviam vindo...»

Tal é a origem que, nacionaes e estrangeiros, geralmente assignam ao valle das Sete-cidades, fundados no que escreveu, em fins do seculo XVI, o historiador michaelense. Que o valle é de origem volcanica, se reconhece: será porém verdadeira a epocha que lhe fixam, e as circunstancias com que revestem o phenomeno que lhe deu origem?

O que sabemos é que, o que alli se vê, é um dos mais bellos exemplares do genero, um dos mais completos quadros auxiliares da sciencia.

Antes de dizermos o que a accumulação secular de meios naturaes e trabalhos do homem alli tem feito para augmentar o aspecto magestoso e variado da paisagem, ouçâmos ainda Fructuoso na descripção que faz do estado em que estava o valle no seu tempo.

«...Para a parte do noroeste ficam as Sete-cidades, que são uma grande concavidade, repartida em duas, ou em um serro ou cumieira que as divide; mas juntas fazem uma concavidade, que terá em circuito quatro legoas... toda cercada de alta encumiada, feita das fraldas do pico, que não arrebentaram com a força do fogo o cume e ponta d'elle, que faz esta concavidade de quatro legoas em redondo, o que mostra bem a grandeza e altura que o alto pico podia ter, antes de arrebentar e se desfazer, como agora está desfeito... Está na outra fundura da parte do norte uma grande alagoa de legoa e meia de roda, que é mais comprida que a das Furnas, mas não tão larga, que se chama *alagoa-grande* em respeito das outras... Junto d'ella está uma praia grande, que terá até trinta moios de terra, ou para melhor dizer areia, que tudo era agua no tempo antigo, por onde passava o gado antigamente a pastar de uma parte a outra em uma barca grande, que mandou fazer Balthasar Vaz de Sousa, da Ribeira-grande, que alli tinha grande criação d'elle. E logo perto está, ao pé do pico do casal, a alagoa que se chama *azul*, por parecer a sua agua d'esta côr; e além, para o poente, está um serro como cumieira redonda, que terá de circuito dois moios de terra alta, e com mais de cento e cincoenta espigões faz ruas, que vão descendo d'elle como ladeiras, á maneira de grotas entre espigão e espigão, povoadas de alto arvoredo, como cidade rodeada, que todas vão descendo do meio para baixo d'ellas, até dar em campo chão onde estão as alagoas, a grande e azul, e se fazem umas ruas mui largas e chans na dita praia de areia, sem arvoredo, com espaçosas praças, que por esta razão lhe pozeram nome *Sete-cidades;* ou porque apparecem n'aquella concavidade, a quem a vê de alto, como outro mundo baixo e cidades alli escondidas, segundo se diz de outras incognitas de christãos que estão ainda por descobrir.

«Todas estas coisas acima ditas estão cercadas com uma cumieira alta em partes de meia legoa, e em outras partes menos: dentro do qual circuito tem as alagoas, arvoredos, hervas que disse, e rosaes de João Gago, e uma fresca e clara fonte onde descançam e desencalmam os que vão ver estas cidades sem gente e ermas, estes logares tão sós e saudosos, com muitos passaros que alli habitam em seus ninhos entre seus ramos, e fazem aquelle logar mui alegre e saudoso nos seus cantos...

«Este pico das Sete-cidades, como tenho dito, e segundo d'elle diziam alguns antigos, depois de achada a ilha, logo n'aquelle primeiro anno, tornando um navio ao reino, os primeiros descobridores que n'ella ficaram ouviram grande trovoada e estrondo, grandes tremores de terra, e n'este tempo, na Povoação-nova, que depois se chamou velha, o sentiram arrebentar com grande força de fogo, salitre e enxofre, d'elle subiu pelo ar e tornou a cair por todas aquellas terras ao redor, que d'antes eram mais razas, e as faz mui altas e dependuradas; e parte correu para a banda do noroeste e occidente até ao mar, e descendo pela rocha fez abaixo d'ella, tomando posse do mar, uma grande fajan de até onze moios de terra boa, e d'ella misturada com pedra e areia, onde se fez depois uma povoação e freguezia, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que chamam os Mosteiros...» (liv. IV, cap. L).

A origem do nome Sete-cidades applicado áquelle valle não se póde facilmente averiguar. De tempos anteriores havia entre cosmographos e cartographos a tradição de uma ilha occidental e mysteriosa, onde se tinham refugiado alguns christãos e bispos de Hespanha por occasião da invasão dos sarracenos na peninsula. Mas a creação de tal ilha, (como de tantas outras em que concorriam extravagantissimas condições), era phantastica, e a lenda d'aquelles povoadores ficção, que inda por muitos annos, mesmo depois do descobrimento dos Açores, figurou nos monumentos geographicos.

Todas as ilhas do oceano Atlantico parecem marcos de um immenso theatro de acção volcanica. Desde a de Tristão da Cunha, ao sul, até á da Islandia, ao norte; desde as Canarias, ao nascente, até ás Antilhas, ao poente; nenhum rochedo se levanta acima de tão vasta expandidura de aguas, que não accuse indubitavelmente aquella origem. Entretanto em todo esse grande campo de observação a ilha de S. Miguel é o exemplar mais interessante e instructivo, como o tem confirmado n'este seculo muitas obras especiaes, inspiradas nos proprios logares a sabios viajantes naturalistas.

São dignas de consultar-se como principaes as seguintes:

John W. Webster — *A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure*, Boston 1821.

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque — *Observações sobre a ilha de S. Miguel*, Lisboa 1826.

Conde Vargas de Bedemar — *Resumo de observações geologicas feitas em uma viagem ás ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores*, Lisboa 1837; Ponta Delgada 1857.

Thomaz Carrew Hunt — *A description of the Island of St. Michael*, Londres 1845, *Journal roy. geog. soc.*

W. D. Conybeare. — *Geologia da ilha de S. Miguel*, Ponta Delgada 1851, *Rev. dos Aç.*

George Hartung — *Die Azoren in ihrer äusseren erscheinung und nach ihrer geognostischen natur*, Leipzig, 1860.

O valle das Sete-cidades é magestosa cratera de fórma elliptica do comprimento de 3 milhas do SE. a NO. e de 2 milhas e meia do SO. a NE., com superficie só inferior á das colossaes cratéras do Pacifico. É o quadro mais admiravel que se póde descobrir dos effeitos da força volcanica! De que horriveis energias da natureza não seria testimunha aquelle logar! Uma cordilheira de montanhas de 1770 pés na maior altura o fecha com uma circumferencia de não menos de tres legoas. Massa espessa de aggregados pumiceos misturados com fragmentos de lava e tufos arenaceos, é o de que geralmente se compõe.

As escarpas apresentam rochedos de varias lavas contendo cristaes de amphibolia, pyroxene, felspatho e olivina, e passando facilmente a constituição trachytica. Occupam a maior parte do fundo do valle duas lagoas contiguas, que não ha muitos annos ainda communicavam entre si por estreito canal de pouca profundidade, hoje aterrado em parte, e coberto por uma ponte. A lagoa maior tem o maximo fundo, 12 braças ao menos, ao pé das rochas que a terminam ao norte; a menor é mais profunda na parte do sul, onde se sondam mais de 10 braças. A primeira é sensivelmente circular, com um oitavo de legoa de diametro. Ambas são alimentadas pelas aguas pluviaes.

Ainda tenho vivas as impressões deleitosas que me gerava a vista do panorama encantador d'aquelle valle, e já decorreram bons doze annos desde a ultima vez que alli me extasiei!

Situado ao noroeste da cidade capital da ilha, fica a quatro ou cinco horas de marcha de Ponta-delgada. A ultima parte do caminho, quando se trata de galgar ao alto da cordilheira que cerca o valle, e descer até ao fundo pela encosta interior, é a mais escabrosa. Antes de se começar a descer, caminha-se por algum tempo pelo dorso da serra, á espera da grande surpreza. Os nevoeiros são communs sobre o valle até á ascensão do sol, com a qual pouco e pouco se vae alargando o horisonte, brotando em roda novos elementos, nova natureza, ainda hybrida, mas sempre grande. Crescem ceos e montanhas; vão-se nuvens e escuridão! O phantasma nevoeiro que cobre as lagoas começa a caminhar: desprende-se lentamente do abysmo para subir ás alturas, como em mar tranquillo nuvem de fumo, expellida pela bocca de cem canhões, prosegue á tona d'agua, até que venha dissipal-a aragem branda.

Depois de seguir algum tempo pela cumieira, serpeando entre matto rasteiro, o caminho alcança por fim a raiz do valle por muitas voltas e declinações relativamente suaves.

Quando insensivelmente chegâmos a certo passo do alto das montanhas, toma-nos uma das mais gratas surprezas, que a bellissima magestade de um novo espectaculo da natureza póde produzir.

Á esquerda, na baixa exterior, scena magnifica se estende no fundo d'este quadro complexo: o mar susurra mansamente sobre os parceis da costa meridional da ilha. Matizadas de verdura, sobredoiradas de messes, alvejam aqui e alli algumas povoações. Mattas de coma verdenegra descem além. Alamos ralos extremando planos cultivados, se meneiam brandamente, e entregam á fresca viração a folhagem buliçosa.

Á direita surge a vista maravilhosa do valle. Dir-se-hia que saíu de um encantamento ao toque de vara magica. Como encarecel-o? Vêem-no os olhos, sente-o o coração e se regala, dilicia-se a alma, mas os labios emmudecem com tamanha maravilha.

Os olhos do viajante abraçam tudo de um a outro confim. Nada foge á primeira indagação ocular do alto dos montes: — lagos, areias, arvores, povoação e montanhas.

A *lagoa azul* (a menor) é quasi sem margens. Sobre grande plano areusco na margem sul da *lagoa grande* assenta a pequena e desalinhada povoação. De algumas tiras de terreno que avisinham as habitações, a cultura responde com maior ou menor amor ao trabalho do colono. Alguns caminhos no valle são planos, sem enojo de tapumes elevados: só arvores mais ou menos frondosas os sombream. A aldeota é pobre: vivem os habitantes em pequeno trafego agricola, em parte fóra do valle, que não são muitos os terrenos dentro d'elle que se prestam com vantagem á cultura de subsistencias. É comtudo povo aceiado: as casas entrâmos n'ellas sem repugnancia: sim vemos por toda a parte vivos signaes de pobreza, mas d'essa pobreza resignada, limpa, risonha, feliz, que faz inveja a tanta gente poderosa, a tanta cidade rica e policiada. As mulheres sempre activas e trabalhadoras, são heroinas: lavadeiras das povoações proximas (até dentro mesmo da cidade de Ponta-delgada), eil-as esfregando a roupa na margem da lagoa, enfileiradas como linha de atiradores. Bellissimo é depois o espectaculo da roupa alvejante, reflectindo os raios do sol, nos estendaes, junto ás casas.

Parte da margem septentrional da lagoa grande, enramada de rica, formosa vegetação silvestre e espontanea, que sombria frescura e amenidade que ella dá! Alguns moinhos assentes n'esta encosta trabalham com os ribeiros que em tempo de chuvas se precipitam dos montes em bellissimas cascatas. Alli perto, pouco além da ponte, estreita mas encantadora peninsula de luxuriante verdura se entranha nas aguas. Destacando de toda aquella grande paisagem é como grinalda de viçosas flores, boiando sobre o lago, no meio do vôo chocalheiro e inquieto dos maçaricos.

Terrenos, pastos, mattos, o que d'isso ha no valle pertence a algumas casas mais notaveis da ilha; e entretanto poucos melhoramentos agricolas ou recreativos ha ver alli, quando tudo os convidava. Ha annos tentou-os o sr. Joaquim Alvares Cabral: depois com grande sollicitude começou a dar exemplo digno de imitação o sr. Antonio Borges da Camara Medeiros. Isto são recordações de ha doze annos, e da ultima vez que alli passámos alguns saudosos dias. Não sabemos, porém, que as transformações posteriores tenham sido consideraveis.

Os que frequentam o valle, e é elle mui frequentado de verão, tem de procurar abrigada nas casas dos habitantes, ou acolher-se á nobre franqueza d'aquelles dois proprietarios, cujos domicilios eram o refugio dos peregrinos.

Em manhã clara e soalheira, que de encantos se não gozam n'aquellas habitações serranas! As lagoas do sopé lá dormem como espelho de fadas; pelos mattos o orvalho e perlas da aurora fulgem a os pri-

meiros raios do sol; trinando á luz oriental adejam contentes os passaros mal dispertos.

Já campeia no meio da povoação uma egreja, obra piedosa do sr. Nicolau Maria Raposo do Amaral. Não a havia ainda ha doze annos. Todos os soccorros espirituaes vinham então de mui longe, e de freguezias de além montes. Lembra-nos que um domingo, sol zenith, tempo sereno e benigno, quando discorriamos pela aldeia, vimos regressar da parochia da Candelaria um noivado. Já de longe se avistava pelas cumieiras aquella festival companhia. O branco dos vestidos, o escarlate dos chales fluctuando nos ares, lhe davam colorido interessante e ar de romagem. Entre harmonias de viola e descantes improvisados, allusivos aos noivos, entraram na povoação. Todos lhes saiam ao encontro. Era um trocar sem fim de comprimentos e parabens. Depois, que alegrias na casa do bodo! Nas portas e janellas, pelo pateo e poyaes estanceavam os convidados. A noiva, em verdade esbelta, rica d'estes caducos dotes do corpo, que quasi sempre tem a duração do relampago, fazia aguado o dia aos moços espectadores!

Com bailes e folgares passaram toda a tarde, e nós, após cobrirmos de bençãos o novo par, dissémos adeus á aldeia, á casa hospitaleira, ao lago, ás arvores, ás montanhas, ao valle todo, e fizemos caminho da cidade.

Quem quizer experimentar tantas e tão singulares impressões, como as que ainda hoje conservâmos animadissimas d'aquelles sitios sem par, vá visitál-os, que felizmente sobejam agora meios faceis para isso.

JOSÉ DE TORRES.

O COUTEIRO-MÓR

CONTO DE ALEXANDRE DUMAS—VERSÃO DE L. A. LUDOVICE DA GAMA

(Conclusão. Vid. pag. 75)

— Vamos, Dumas, me disse M. de Violaine, aquelle pertence-te, é n'elle que te deves estreiar.

Approximei-me do javali, o qual vendo-me chegar, redobrou as violentas agitações, batendo os queixos, e olhando-me com olhos enfurecidos; mas elle estava preso como n'um torno, portanto todos os seus esforços eram baldados.

Metti-lhe a bocca da espingarda n'um ouvido e disparei.

A commoção foi tão violenta, que o animal escapou-se das mãos de Bernardo, rebolando até uns quatro passos distante do sitio em que lhe atirei; estava morto. Bala, bucha e fogo, tudo lhe tinha entrado pela cabeça dentro: tinha-lhe queimado os miolos completamente!

Bernardo soltou uma gargalhada.

— Vamos, vamos, disse elle, vejo que ainda ha scenas divertidas cá n'este mundo.

— É verdade, disse o intendente, com a differença, que se tu continuares d'essa maneira, não te divertirás por muito tempo. Mas o que tens tu n'essa mão?

— Não é nada, é uma arranhadura; o maroto tinha a pelle tão dura que me fechou a navalha.

— É verdade, mas ao fechar-se cortou-te o dedo, disse M. de Violaine.

— E cortou-m'o inteiramente, meu intendente.

E Bernardo estendeu a mão direita, á qual faltava a primeira phalange do dedo index; depois, no meio do silencio produzido por aquelle espectaculo, aproximou-se do intendente:

— É justo, M. de Violaine, continuou elle, é o dedo com que eu matei meu tio.

— Mas é mister tratar de curar esse ferimento, Bernardo.

— Curar isto, ora essa! é uma grande coisa! se fizesse vento já estava sêcco.

Bernardo, depois de proferir estas palavras, abriu a sua navalha para proceder ao *encarne*, tão tranquillamente como se não lhe tivesse succedido aquelle desastre.

Na caçada seguinte appareceu armado, não com uma navalha, mas com um punhal em forma de bayoneta, que elle tinha feito executar á sua vista por um irmão, espingardeiro em Villers-Cotterets, e que não podia vergar, quebrar-se nem fechar-se.

N'esta caçada repetiu-se a mesma scena que já descrevi; com a differença de ter ficado o javali na arena, sangrado como um porco domestico.

Procedeu do mesmo modo nas outras caçadas; o que deu occasião a chamarem-lhe os companheiros o *matador de porcos*.

Todavia estas coisas não lhe faziam esquecer a morte de Bertholino; tornava-se de dia para dia mais melancolico, e dizia ao intendente:

Vêdes, M. de Violaine, tudo isto não obstará a que mais tarde ou mais cedo me succeda alguma fatalidade.

Haviam já decorrido tres ou quatro annos depois dos successos que acabâmos de narrar; eu tinha deixado Villers-Cotterets, mas fui para alli passar alguns dias; era no mez de dezembro, e a terra estava coberta de neve.

Depois de haver abraçado minha mãe, fui logo procurar M. de Violaine.

— Ah! ah! disse elle quando me viu, estás por cá! Chegáste muito a proposito para a caça dos lobos.

— Para dizer a verdade, eu já me tinha lembrado d'isso logo que vi a neve, e estou maravilhado de saber que não me enganei na minha previsão.

— Certamente, sabemos que existem quatro lobos na floresta, e, como ha dois na coutada de Bernardo, dei-lhe ordem de rastejal-os e emprazal-os, prevenindo-o de que ámanhã pela manhã iriamos a sua casa.

— Ainda é a Casa-Nova?

— Sempre a mesma.

— Está bem! mas o que é feito d'esse pobre Bernardo? ainda continúa a matar javalis ás bayonetadas?

— Oh! os javalis já se acabaram. Penso que não ha na floresta nem um para servir de amostra. Bernardo deu conta de todos.

— A morte d'elles deve-o ter consolado.

— Não, o pobre diabo está cada vez mais triste e melancholico. Verás como elle está mudado. Todavia, eu alcancei uma pensão para a viuva de Bertholino. Mas nada d'isto minora o seu pezar. Está ferido no coração. E está mais ciumento.

— E sempre sem motivo?...

— Certamente, a pobre mulher é um anjo.

— N'esse caso está atacado de uma monomania. Tudo isso não impede que elle seja um dos vossos melhores couteiros, não é assim?

— Excellente!

— E não deixará de mostrar-nos os seus lobos ámanhã?

— Eu respondo por isso.

— E quanto basta, o tempo fará o resto.

— O tempo não fará senão aggravar o mal, e eu começo a acreditar, como elle, que lhe succederá alguma fatalidade.

— Então a coisa chega a esse ponto?

— Sem duvida; quanto a mim tenho feito tudo que me tem sido possivel para evitar-lhe alguma desgraça, tenho a consciencia d'isso.

— E como vão os outros?

— Perfeitamente.

— Mildet?

— Continúa a partir os esquilos pelo meio atirando-lhes á bala.

— E o Maneta?

— Acompanhou-me hontem á caça, nos pantanos de Coyoles, e matou-me dezesete narcejas sem errar um tiro.

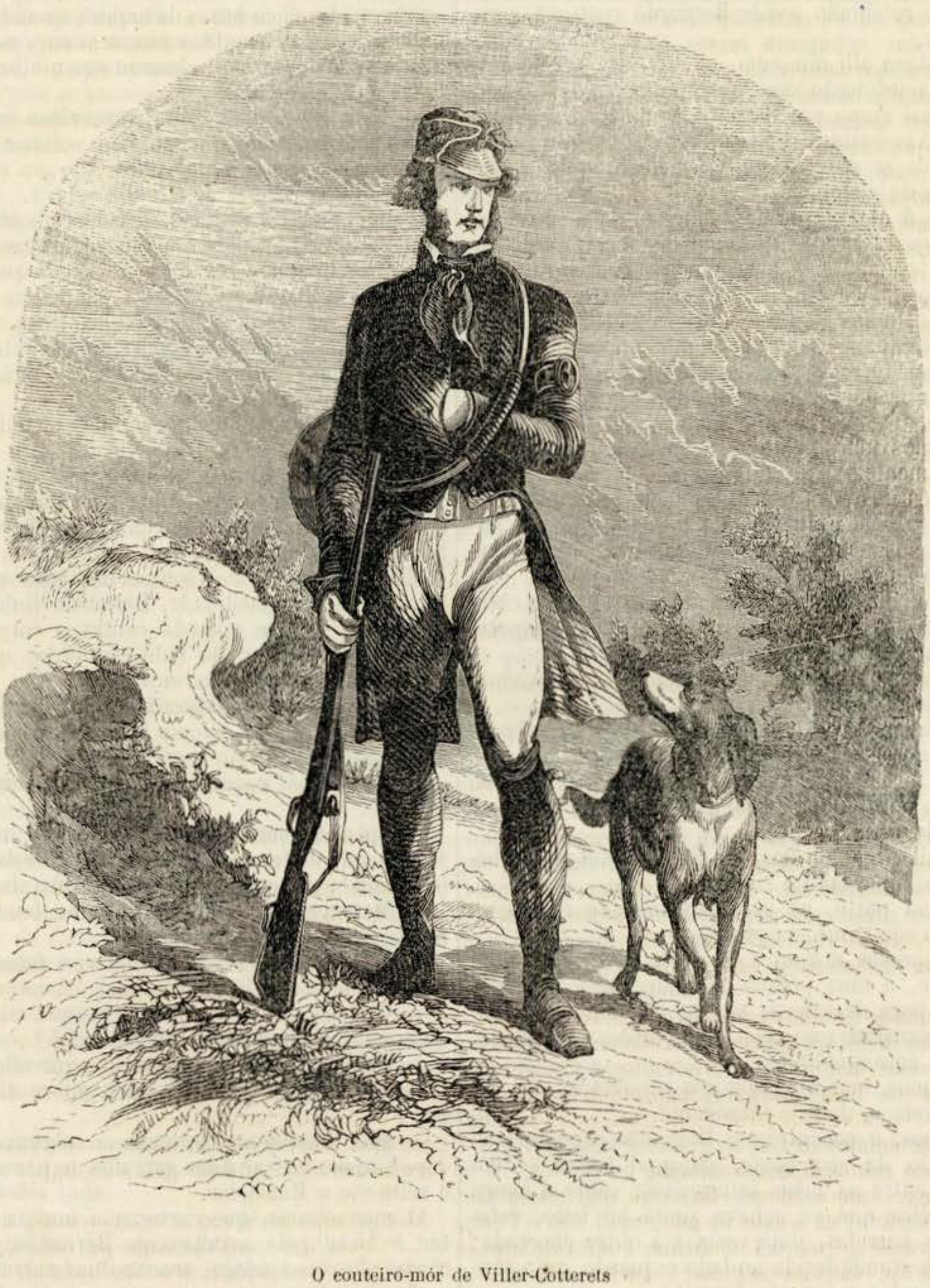
— E Bobino?

— Bobino mandou fazer um apito do rabo do seu javali para matar os cães, e declara que não terá paz e socego n'este mundo nem no outro, em quanto não possuir o resto do animal.

— Então, excepto Bernardo, os mais estão todos bons?

— Perfeitamente

— Aonde é o ponto de reunião?



O couteiro-mór de Viller-Cotterets

— No fim das ruas largas ás seis horas da manhã.

— Lá nos encontraremos.

Separei-me de M. Violaine para ir comprimentar todos os amigos velhos que conservei no meu paiz.

Uma das venturas d'este mundo é de ter nascido n'uma cidade pequena, da qual se conhecem todos os habitantes, e onde cada casa encerra para nós uma recordação. Eu sei que quando regresso, por acaso, áquella pobre aldeia quasi desconhecida do resto do mundo, me apeio da carruagem meia hora antes de lá ter chegado; depois caminho a pé, reconhecendo as arvores da estrada, fallando a cada pessoa que encontro, e fazendo-me impressão até nas coisas insensiveis e nos objectos inanimados. Contava pois como um grande regozijo encontrar-me com todos os meus couteiros no dia immediato.

Este regozijo começou ás seis horas da manhã. Tornei a ver esses meus companheiros de caça com os cabellos cheios de geada, pois, como já disse, tinha caído neve na vespera, e fazia um frio horrivel. Apertámos as nossas mãos reciprocamente, depois dirigimo-nos para a Casa-Nova. Ainda não tinha amanhecido.

Chegados ao sitio chamado o Salto-do-Veado, por que um dia, em que o duque d'Orleans caçava na floresta, saltou um veado por cima da estrada, mettida n'aquelle sitio entre duas escarpas; chegados, disse eu, ao Salto-do-Veado, vimos que a escuridão começava a dissipar-se. Além d'isso o tempo estava excellente para a caça; não tinha caido neve havia doze horas, portanto as *quebradas* [1] estavam descobertas. Se os lobos tivessem sido rastejados, podiamos contar com elles.

Andámos ainda mais meia legoa, e chegámos em frente do remoinho aonde Bernardo costumava esperar-nos.

Não estava alli ninguem.

Aquella infracção dos seus habitos, n'um homem tão pontual como era Bernardo, começou a inquietar-nos. Apressámos o passo, e chegámos ao remoinho d'onde se descobria a Casa-Nova, quasi a um kilometro de distancia.

Graças á alcatifa de neve que cobria a terra, todos os objectos, até em grande distancia, se distinguiram claramente. Vimos a pequena casa branca, meio escondida entre as arvores, descobrimos uma pequena columna de fumo, que saindo da chaminé, subia e dissipava-se no ar; vimos um cavallo sellado e enfreiado, mas sem cavalleiro, e que passeava em frente da porta; mas não viamos nem ouviamos Bernardo.

Sentiamos unicamente os seus cães que uivavam lastimosamente.

Olhámos uns para os outros meneiando instinctamente a cabeça, e apressámos o passo. Quando nos aproximámos não notámos alteração no que tinhamos visto de mais longe.

Quando estavamos a cem passos distantes da casa, moderámo-nos apesar da nossa curiosidade. Esperavamos dar com alguma fatalidade.

Suspendemos quasi a nossa marcha, a cincoenta passos distantes da casa.

— Todavia, disse o intendente, é mister saber o que devemos fazer n'este caso.

E nós tornámos a avançar, mas silenciosos, com o coração opprimido, e sem podêrmos proferir uma unica palavra.

O cavallo, quando nos viu chegar, voltou a cabeça para o nosso lado e rinchou.

Pela sua parte, os cães lançavam-se contra as grades do seu canil, mordendo-as.

A dez passos distantes da casa havia uma poça de sangue, e uma pistola de coldres descarregada.

D'esta poça de sangue partia, acompanhando pégadas assignaladas na neve, e em direcção da porta, um rasto ensanguentado.

Chamámos, mas ninguem nos respondeu.

— Entremos, disse o intendente.

Entrámos, e encontrámos Bernardo estendido no chão junto da sua cama, da qual torcia as coberturas entre as mãos inteiriçadas; sobre a banca da cabeceira que se achava junta ao leito, estavam duas garrafas, uma vasia e a outra encetada; tinha uma grande ferida no lado esquerdo, cujo sangue lhe lambia o seu cão favorito.

Ainda estava quente, e não havia dez minutos que tinha acabado de expirar.

Eis-aqui o que se passou. Soubémol-o no dia immediato pelo commissario de uma aldeia visinha, que havia quasi assistido ao successo.

[1] Chamam-se *quebradas*, em termo de montaria, a alguns pequenos troncos d'arvore, que o monteiro ou os moços de monte quebram, e collocam sobre o rasto do animal no sitio por onde entrou no bosque, de modo que a parte quebrada do dito tronco fique na direcção em que o animal se encaminhou, isto é, marcando o rasto a direito. — São signaes indicativos que se usam na descoberta do animal para reconhecer a circumstancia que indicámos, e outras quasi analogas.

Nota do Traductor.

Bernardo era mui zeloso de sua mulher; e com quanto aquelle ciume não tivesse fundamento, todavia tinha-se augmentado. Elle tinha partido á uma hora, aproveitando-se de um magnifico luar, para rastejar os dois lobos que se achavam na sua coutada.

Uma hora depois da sua partida, chegou um mensageiro que vinha annunciar á mulher de Bernardo que seu pae tinha tido um ataque apopletico, e desejava vel-a antes de morrer. A pobre mulher tinha-se levantado, e partido no mesmo instante sem poder dizer aonde ia. Nem ella nem o mensageiro sabiam escrever. Ás cinco horas da manhã, quando Bernardo regressou, não encontrou ninguem em casa. Apalpou a cama e achou-a fria; chamou sua mulher, mas ella tinha desapparecido.

— Está bem, disse elle, aproveitou-se da minha ausencia, pensando que eu não voltaria tão cedo. Enganou-me, devo matal-a.

Elle julgava saber aonde ella estava.

Tomou as suas pistolas de coldres, carregou uma com quatorze zagalotes, e a outra com dezesete. Acharam-se os quatorze zagalotes na pistola que se encontrou carregada, e os dezesete dentro do corpo.

Depois foi sellar o seu cavallo, tirou-o da cavallariça, e foi pôl-o fóra da porta. Pegou então nas suas pistolas, metteu uma no coldre esquerdo, que entrou perfeitamente.

Mas o coldre da direita era mais estreito. Bernardo encontrou alguma difficuldade para introduzir n'elle a pistola, quiz fazel-a entrar á força.

Tomou o coldre com uma das mãos, a coronha da pistola com outra, e obrigou com violencia a pistola a entrar no coldre.

Esta operação motivou a descarga da pistola. Para maior commodidade, Bernardo tinha a extremidade do coldre apoiada contra o corpo; toda a carga lhe penetrou no lado esquerdo, queimando-lhe e dilacerando-lhe as entranhas.

O commissario passeava n'aquelle momento; acudiu á detonação. O colosso tinha ficado em pé agarrado á sella.

— Meu Deus! o que é isso, sr. Bernardo? perguntou elle.

— Succedeu-me o que eu esperava, meu pobre Martineau, matei meu tio com um tiro de espingarda, e acabo de matar-me com um tiro de pistola!

— Matastes-vos, senhor? Vós não tendes nenhuma ferida.

Bernardo voltou-se para o lado; o fato ardia-lhe: e o sangue corria-lhe em jorro.

— Oh! meu Deus! que quereis que eu vos faça? Quereis que vá chamar um cirurgião?

— Um cirurgião! Qu equeres tu que elle me faça? Pois o cirurgião salvou o meu pobre tio Bertholino?

— Mas, finalmente, ordenae-me alguma coisa!

— Váe-me buscar duas garrafas de tisana á adega, e solta-me o Roncador.

O commissario, que costumava muitas vezes *matar o bicho* pela manhã com Bernardo, pegou na chave, desceu á adega, trouxe duas garrafas, soltou o cão, e entrou em casa.

Achou Bernardo assentado junto de uma mesa a escrever.

— Estão cumpridas as vossas ordens.

— Está bem, meu amigo, respondeu o ferido, põe as garrafas sobre a banca da cabeceira, e váe tratar da tua vida.

— Mas, sr. Bernardo...

— Váe-te, já t'o disse.

— Pois quereis que me retire?

— Sim.

— Até outra occasião.

— Adeus.

O commissario partiu promptamente, pensando que Bernardo estava ferido menos gravemente que elle cuidava, pois vendo tal sangue frio e uma tal tranquillidade, como poderia elle pensar que o homem, que conserva estas duas qualidades, podesse estar ferido mortalmente?

O que se passou depois da partida do commissario ninguem sabe.

Unicamente, segundo toda a probabilidade, Bernardo tinha bebido o vinho que faltava nas duas garrafas.

Depois quiz subir para a cama, mas faltaram-lhe as pernas e caiu no chão. E estava morto na posição em que o encontrámos.

Sobre a mesa achava-se um papel.

Esse papel estava escripto com mão firme, e continha o seguinte:

«Achareis um dos lobos no bosque Duquesnoy, o outro fugiu.

«Adeus, M. de Violaine. Não vos enganei quando vos disse que me succederia alguma fatalidade.

«Vosso venerador,

«*Bernardo*, couteiro-mór.»

Disse-vos que não era uma novella, nem um drama, nem um romance, o que ia contar-vos, mas sim uma catastrophe.

Mas esta catastrophe, juro-vos, deixou no meu espirito uma recordaçao eterna.

ORIGEM DO TITULO DE MONTEIROS DE ESPINOSA

Os monteiros mais illustres de Hespanha são os que descendem da familia Espinosa, citados como taes por Argote de Molina.

Ha mais de oito seculos que esta familia usa do titulo de monteiro; eis-aqui a rasão:

No anno de 990, D. Sanches Fernandes, filho do famoso Fernandes Gonçalez e de D. Sancha, era conde soberano de Castella. Sua mãe estava namorada de um rei moiro com o qual queria casar; como porém este consorcio desagradasse a D. Sancho, tomou ella a execravel resolução de se ver livre d'elle envenenando-o. Uma criada de D. Sancha, peitada para este maleficio, revelou-o a um escudeiro do conde, que immediatamente foi declarar tudo a seu amo.

Este, achando-se á mesa com sua mãe, recusou beber da taça que ella lhe enchêra, convidando-a depois a bebel-a toda.

Dentro em pouco tempo a condessa caiu victima da traição que havia preparado para o filho.

O conde, reconhecendo o serviço que o escudeiro e a criada lhe tinham feito, casou-os e dotou-os magnificamente, dando-lhes, além d'isso, o privilegio de serem perpetuamente, elles e seus descendentes, guardas da pessoa dos condes de Castella. Deu-lhes mais o titulo de Espinosa, e, desde esta época, todos aquelles que tem usado d'esse nome são, por direito de nascimento, guardas da pessoa dos reis de Castella, sem nunca os abandonar, quer no palacio, quer no campo, quer na caça. Como n'aquelle tempo a profissão de monteiro (*montero*) se confundia com o titulo de guarda da pessoa do rei, chamou-se aos d'esta familia monteiros de Espinosa (*los monteros de Espinosa*), e á villa, *Espinosa de los Monteros*, nome que ainda conserva, como brazão do antigo rasgo de lealdade. [1]

Os monteiros de Espinosa tinham o privilegio de dormir na ante-camara do rei de Castella, e, como era familia muito numerosa, quatro velavam e se rendiam de duas em duas horas, fazendo rondas no palacio, com direito de vida e de morte sobre todas as pessoas estranhas que encontrassem durante a noite.

Na epocha em que escrevia Argote de Molina, que nos transmittiu esta historia, o numero dos monteiros de Espinosa era de quarenta e oito. Quando casavam fóra do paiz, eram obrigados, antes do fim do anno do noivado, a trazer suas mulheres a Espinosa, para que os filhos criados n'esta familia de caçadores e guardas reaes, tomassem desde a infancia as tradições de caça e de fidelidade.

Durante os seis seculos que tinham decorrido até á epocha em que vivia o auctor citado, nenhum membro d'esta familia tinha faltado á antiga lealdade de seus predecessores. Alguns d'elles subiram aos cargos mais importantes do reino, entre outros o cardeal D. Diogo de Espinosa, o prégador João de Espinosa, que adquiriu grande reputação pela sua eloquencia, etc.

Para qualquer ser nomeado monteiro, era mister a approvação da familia de Espinosa, que nunca a dava senão a homens conhecidos, e a fidalgos *(hijos d'algo)*; era necessario que a raça fosse pura de toda a mistura de moiros e de judeos, e que nem o pae nem o avô tivessem exercido officio mecanico: *y no aya tenido oficio vil, mecanico, ni baxo.*

Entre todos estes privilegios honrosos, que possuiam os monteiros de Espinosa, havia um mais positivo e cobiçado que os outros. O conde D. Sancho Fernandes deu-lhes o imposto sobre os judeos. Eis em que consistia esse imposto: Quando os reis de Hespanha viajavam, todos os judeos que residiam nos sitios por onde passavam os soberanos, eram obrigados a ir recebel-os com instrumentos de musica; e, como os christãos velhos estavam sempre dispostos para injuriarem os filhos de Moisés, os monteiros do rei tomavam a defesa d'elles, e por isto cada israelita pagava doze maravedis de contribuição, o que para aquelle tempo era uma somma importante.

Quando Fernando e Isabel expulsaram os judeos da Hespanha, os rendimentos dos monteiros de Espinosa diminuiram sensivelmente. Temos a prova d'isto n'uma lei de D. João I, dada nas cortes de Burgos, que diz assim:

«Segun las leys antiguas de nuestros reynos, los nuestros monteros de Espinosa an de llevar de los judios que nos salieren a rescibir, por cada tora doze maravedis, porque los guarden y non resciban daño.»

Em Portugal tambem os judeus tinham obrigação de ir esperar as pessoas reaes fóra das portas das cidades e villas, quando por ellas passavam, ou lá iam. Fernão Lopes, na Chronica de D. João I, refere, que quando a rainha D. Leonor, já viuva, entrára em Santarem, a vieram receber as mulheres d'aquella villa, e os judeus com as suas touras, que eram os livros do Pentateuco, alatinadamente chamado *thora*, e por corruptela *toura*.

Não consta porém que pagassem aos nossos monteiros a pitança que d'elles levavam os monteiros de Espinosa.

Eram todavia onerados com muitas alcavalas e tributos reaes.

[1] *Espinosa-de-los-Monteros* é uma villa de Hespanha (na Castella velha), provincia de Burgos, 74 kilometros para o norte, a 7 legoas de Frias. Está situada sobre uma elevação de 54 m. sobre a margem esquerda de la Trueba.

Esta villa conta uma população de 2:800 habitantes. Foi ahi que os francezes ganharam aos hespanhoes a celebre victoria dos dias 10 e 11 de novembro de 1808.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

DUVIDAS

Primeiro cumpre-me agradecer a v. ter attendido e explicado a duvida que lhe propuz; depois pedir desculpa de novamente incommodar a v. com as seguintes.

Poderemos firmar-nos nos exemplos de alguns dos nossos classicos para dizermos d'este modo:

1.º Letrados que *o* são fracos.

Ia visitar a sepultura de seu irmão, que tambem *o* havia de ser sua.

2.º Não havia alli ninguem *isenta* d'estas coisas.

3.º Estava encarregado de examinar o terreno, e (ou *e de*) levantar a planta.

Era necessario para perceber e (ou *para*) discriminar.

4.º Finalmente poderá tolerar-se o gallicismo (se acaso é), que apparece n'estas e similhantes phrases:

Publique-se estes documentos.

Conta-se d'este homem coisas inverosimeis, etc.

Peço desculpa a v. de não apresentar provas authenticadas; mas sendo o meu principal fim lembrar (unicamente) os pontos em que, ou não tenho certeza grammatical, ou, me parece, haverá muitas pessoas que a não tenham, julgo sufficiente expor simplesmente as duvidas, deixando, a quem tão conhecedor é da lingua de Camões e Castilho, a tarefa, que não será difficil, de as resolver. — Sou etc. — *Fabio.*

SOLUÇÃO

1.º Ambos os exemplos apontados sob este numero, apesar de serem adduzidos por Moraes, tanto na grammatica, como no diccionario, e tambem por Jeronymo Soares Barbosa, temol-os por contrarios ás regras da grammatica da nossa lingua.

Moraes e Soares Barbosa, naturalmente por verem muitos d'estes barbarismos, nos classicos, trataram de os explicar e defender, mas sem criterio.

A razão por que estes auctores, e em geral os nossos grammaticos, defendem similhantes construcções, provém de não terem reconhecido a verdadeira natureza do nosso adjectivo determinativo, ou artigo, como vulgarmente se lhe chama. Dizem que elle serve de pronome relativo, que faz subintender na oração um nome indeterminado, e os verbos em qualquer tempo, etc. D'esta confusão de idéas, d'esta erronea definição da natureza do nosso artigo, provém as absurdas explicações que elles dão ás phrases que encontrâmos, nos auctores classicos, onde se emprega o artigo na sua fórma primittiva, *o*.

A analyse que os grammaticos citados fazem dos exemplos referidos, sob este numero, pelo nosso judicioso correspondente, mostra bem quanto elles desatinam n'este ponto.

Não fallemos agora do artigo na sua accepção rigorosa de adjectivo, em que segue as leis geraes da concordancia, mas só de quando se emprega na fórma invariavel.

O artigo, como se sabe, tem a propriedade de substantivar não só os adjectivos a que se antepõe, mas tambem os pronomes absolutos, as preposições, os verbos, e até phrases inteiras, sempre na fórma invariavel, ou primitiva, isto é, a masculina do singular.

Este officio exerce elle quando o vemos substantivar qualquer vocabulo ou phrase que substitua o agente ou outra parte da oração, para evitar as repetições.

Nas phrases que se apontam nos exemplos numero 1.º não ha que repetir, não ha ellipse; logo o artigo alli não só é superfluo, mas barbarisa a phrase. Tiremos o artigo a ambas as phrases, e ver-se-ha que ficam perfeitas, e sem ambiguidade:

«Letrados que são fracos.»

«Ia visitar a sepultura de seu irmão, que havia de ser sua.»

Não poderemos fazer o mesmo nos seguintes exemplos:

As feias, nem por *o* serem, deixam de ser estimaveis, se tem virtudes. — *Rodrigues Lobo.*

Aqui não podêmos supprimir o *o*, porque está substantivando o *serem*, para evitar a repetição de feias.

A lei divina é dar *o* de Deus a Deus, e *o* de Cesar a Cesar. — *Fr. Luiz de Sousa.*

Para inteireza da oração, falta *que é*, que está lembrando o artigo *o*.

Em Vieira achâmos tambem um exemplo analogo n'esta sentença:

«Os homens amam muitas coisas que *as* não ha no mundo: havel-as-ha na imaginação, mas no mundo não as ha. — Sermões, 7. 416.

É evidente que devia dizer: muitas coisas que não ha no mundo. Tão visivel erro póde ser de imprensa; e assim podêmos explicar muitos dos que nos deparam os classicos.

2.º Tambem este exemplo é errado, porque sendo *ninguem* um verdadeiro substantivo composto, e indeterminado, como *outrem* e *alguem*, o adjectivo que se lhe juntar deve ser masculino. Esta regra é tão obvia, que não carece de auctoridade. Basta recorrer aos adagios da lingua.

3.º A regra é que as preposições identicas não se devem repetir, senão quando a sua omissão causar ambiguidade. Não se dá este caso em nenhum dos exemplos citados sob este numero. Portanto ambos estão correctos, e as preposições que se apontam em parenthesis seriam pleonasticas.

4.º Os verbos de ambas as phrases indicadas devem seguir as regras geraes de concordancia, indo ao plural. Do modo que se apresentam, não é só gallicismo, mas solecismo indefensavel.

Ha um egual nos *Lusiadas* de Camões (cant. 3. est. 14), que ainda ninguem sustentou, que nós saibamos. É este:

> Que mais o persa fez n'aquella empreza,
> Onde *rosto* e narizes se *cortava*?

ENIGMA

